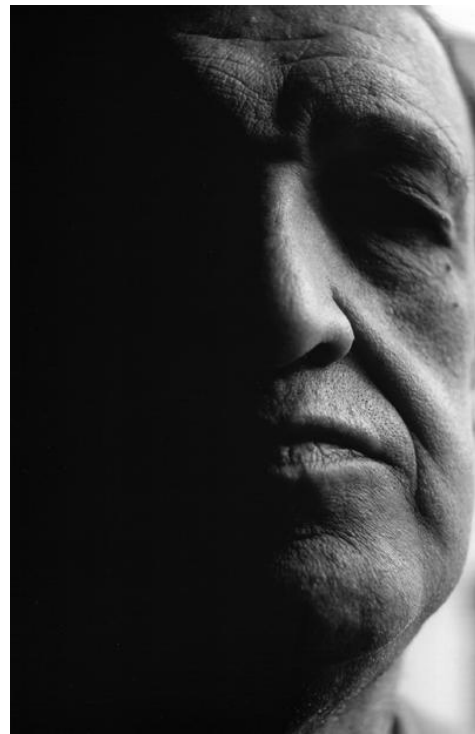

Nova Música Portuguesa Improvisada



Jorge Lima Barreto

Artigos Meloteca 2009

Num pequeno parêntesis e confirmada a tendência multicultural, a desterritorialização e o transnacionalismo da nova música improvisada, podemos - apenas pela referência ao passaporte - declinar alguns nomes nacionais, tendo sempre em conta que a capilaridade estilística e o intercâmbio são apanágio desta acção musical. Podemos, por ordem cronológica e desde os finais da década de 1960, com a criação da Associação da Música Conceptual por J. Lima Barreto e C. Zíngaro, até à hodierna e debutante cooperativa Granular, alinhar algumas figuras relevantes da música portuguesa, artistas com carreiras comprometidas no projecto da improvisação contemporânea, num sector do experimental; todos foram de certa maneira polinstrumentistas: sopro, corda, percussão, vocalismo; ou com inclinações electroacústicas, concretistas e, recentemente, informáticas, lap top, manipulação do



Carlos Zíngaro

computador tido com instrumento musical e invenções de *computer music*; interarte & multimedia; auto-produtores e engenheiros do seu próprio som; relacionaram improvisação musical com interacções artísticas e tecnológicas. (e.g. improvisação marchetada nas composições em Constança Capdeville, a mais atenta ao fenómeno improvisacional, Jorge Peixinho, Cândido Lima, António Sousa Dias, António Pinho Vargas, Vitor Rua, Miguel Azguime, e.a.). Num carácter idiomático da música portuguesa, o guitarrista Carlos Paredes é *facile princeps* da improvisação, à qual se dedicou generosamente.

Soslaiemos algumas discursividades improvisadas por intérpretes classicistas (e.g. João Pedro Oliveira, órgão; A. Victorino D'Almeida, piano; Pedro Carneiro, percussão; José Machado, violino, e.a.); devaneios de conspícua qualidade pop/rock com inúmeros proclamados heróis; ou improvisadores parajazzísticos em interlúdios de improvisação total, do solo ao pequeno conjunto, aquando declinaram momentaneamente a ortodoxia do jazz, i.e., os que viveram em profundidade a ousadia do discurso sem restrições em situação de registo fonográfico ou em concerto no âmbito da improvisação (e.g. os contrabaixistas Jean Saheb Sarbib, Zé Eduardo, Carlos Barreto, Carlos Bica; os sopradores Rão Kyo, Carlos Martins, Rui Azul, Laurent Filipe; os pianistas A. Pinho Vargas, Mário Laginha, Manuel Guimarães, o polartista Bernardo Sasseti, Pedro Burmester, e.a.; a vocalista Maria João; os guitarristas José Peixoto, refinado; ou, afins da multipista do rock, como Filipe Mendes, Flak, Joel Xavier, e.a.; os bateristas/percussionistas Mário Barreiros, Acácio Salero, José Salgueiro, e.a.).

Nova Música Portuguesa Improvisada

Jorge Lima Barreto

3

Importantes improvisadores portugueses aqueles que conheceram mais internacionalizações, em interações qualitativas e quantitativas e participaram em realizações de decisão e intervenção originais como compositores/intérpretes, arautos de agrupamentos heterónimos, mesmo em criações inéditas e consideradas pela História da Música Contemporânea. (e.g. o mirífico C. Zíngaro, violino, arranjo, *electronics*, computação, *primus inter pares*; Zíngaro foi um dos propaladores da pósmodernidade e, na sua carreira apocalíptica, considerou as mais diversas acções, interarte, multimedia e cibernética; Jorge Lima Barreto, piano, teclados & *ready made*, *multiface*; o Plexus, ensemble poliscópico dirigido pelo Zingaro; a Anar Band, radicalismo e performarte, coordenada pelo autor; Carlos Bexegas, indómito e prospectivo em flauta & *electronics*; Emanuel Dimas de Melo Pimenta, informática, sound design; Melo Pimenta consagrou-se a nível internacional pelo seu posicionamento cageano, pela recherche em música virtual, numa notável actividade poética multimedia e em coordenações informáticas; interarte, instalação ambiental, arquitectónica; Telectu, duo semaforico, tapeçaria de experiências, heterofonia, poliestilismo; Vítor Rua, carismático in situ, guitarra, improvisação estruturada, arranjo, computação, *electronics*, interarte e multimedia; apresentou o Vidya Ensemble com caracter antológico; Sei Miguel, trompete, aventurou-se no arranjo dum ritual quase esotérico em seitas heterónimas, mítico, de actividade sui generis; Miguel Azguime, percussão, *electronics*, computação, ou como mentor do Miso Ensemble, topologia paralela da actividade notória de animador duma nova música contemporânea; Tozé Ferreira, infomúsica, teorizador; Nuno Rebelo, guitarra e miscelânea tecnoinstrumental e situacionismos funcionalizados; Nuno Canavarro, "technokitsch"; a tendência emblemática de Paulo Curado; a



Vítor Rua

work in progress de Rodrigo Amado, verve e retrospectão nos sopros dos Lisbon Improvisation Players; o trombone da apaixonada Fala Mariam, cúmplice do mistério, e o do plurívoco Eduardo Lala; o ilustre David Maranhã, construtivismo, conceptualismo, dobro, instalação e heterofonia; Rafael Toral, guitarra, *electronics*, computação, panóplia de controladores digitais, protótipos, theremin, projecto space program, technobricoleur, criador de vulto; Ernesto Rodrigues, veterano imaginativo em viola e condução orquestral; Marco Franco, irénico na bateria; o distintíssimo Manuel Mota, epígono dum novo subjectivismo, guitarra, excelente figuralismo, o sublime e a elegância, especialidade *fingerpicking*; o construtivismo instrumental multimedia de Adriana Sá; o laboratório rizomático Vitriol, com o protagonismo do eminente Paulo Raposo, incontornável pensador da diferença, e.a.).

Podemos levantar en passant outras significativas figuras solísticas, grupais, incidências organigramaticais e técnicas: (e.g.; Moeda Noise; D.W. Art; António Duarte, *electronics*; Osso Exótico;

Nova Música Portuguesa Improvisada

Jorge Lima Barreto

4

Luís Desirat, Bruno Pedroso, bateria; guitarristas como Paulo C. Martins, o insinuante Gonçalo Falcão, António Chaparreiro, Filipe Bonito.; o residente Ulrich Mitzlaff, Rute Praça, Guilherme Rodrigues, violoncelo; João Paulo, piano; Paulo Galão, clarinete; Margarida Garcia, Miguel Leiria Pereira, Jorge Serigado, Pedro Gonçalves, contrabaixo; Karlheinz Andrade & Kromleq; Américo Rodrigues, voz e processamento, teatro musical, dinamização cultural e interarte; Bernardo Devlin, vocalismos; os percussionistas como o experimentado e introspectivo José Oliveira em "*traps*", ou o morato César Burago, Monsieur Trinité; no âmbito decorrente da informática: guitarra e *ciber-bricolage* de Emídio Buchinho; o incontornável pensador da diferença, Paulo Raposo; Miguel Cabral, jogo de tape); o "*info-free*" de Vitor Joaquim, Carlos Santos, Nuno Tudela; e/ou o *lap top* de, André Gonçalves, Rui Leitão, Miguel Sá, Ian Ferreira; Nuno Moita; quase todos desdobrando-se em polimórficas acções em *electronics*, video, interacção em tempo real, *processing*, *video music*, computação em *live electronic* e/ou multimedia) etc...



Miguel Azguime

Houve e há inúmeros textos avulsos sobre a matéria em publicações periódicos, revistas, catálogos, livros, blogs; n.b. o incansável e meritório trabalho do prosélito jornalista/crítico/operador cultural Rui Eduardo Paes; esboça-se um círculo de editoras discográficas dedicadas à especialidade; organizaram-se festivais ou eventos de nível internacional, (donde sobressai a *persona* maior de Rui Neves) exclusivamente dedicados à nova improvisação, os quais estimularam esta liberdade estética dos músicos portugueses.

Não podemos descurar as acções interartísticas constantes do vademecum dos músicos improvisadores - esta seita sempre foi resgatada por outras artes (e.g. dança, teatro, videoarte, performarte, cinema, instalação, escultura, ambiências e outras funcionalizações por qualquer motivo cultural); houve poliaristas arroláveis que apostaram no protagonismo da música improvisada; consideremos aqui também inserida a categoria do "não-músico" como um assumido e radiante estigma neo-neodadaísta. (e.g. Ernesto de Sousa, Puzzle, António Palolo, Rui Órfão, Manoel Barbosa, Carlos Gordilho, Luís Bragança Gil, Projecto/Progestos, António Olaio, Francisco Tropa; Pedro Tudela este com atitudes música/performance/instalação; *bricolage* de José Eduardo da Rocha, Sérgio Pelágio, René Bertholo; a marginalia de Paulo Eno & Objectos Perdidos; discursos desviados de *No Noise Reduction*, João Paulo Feliciano, Albrecht Loops; João Ricardo; na coreografia de Olga Roriz, João Fiadeiro (teorizador da improvisação na coreografia), Vera Mantero (*vocalise*), Paula Massano, Clara Andermat, João

Nova Música Portuguesa Improvisada

Jorge Lima Barreto

5

Galante, João Samões, Francisco Camacho; imbrógilo interarte/multimedia, com José Nuno da Câmara Pereira, Alberto Lopes, Edgar Pera, António Jorge Gonçalves, Hugo Barbosa, Samuel Jerónimo, Hugo Olim, Joana Vasconcelos, e.a. que inserem o conceito de música improvisada em coreografia, performarte, instalação, cenografia, etc.). Alguns poetas e declamadores líricos e/ou concretistas trabalharam em interacção coma improvisação musical (e.g. Ernesto M. Melo e Castro, João Perry, Eugénio de Andrade, Fernando Aguiar, Ana Hatherly, e.a.).

De qualquer maneira está vivo um círculo artístico português devotado à nova improvisação musical.

Jorge Lima Barreto